

Acervo

CEDI - P. I. B.
DATA 18 02 86
COD. 0002R

Como. Sr. Presidente da FUNAI,  
Gen. Ismarth de Araújo Oliveira.

Meu *tajuturi* (Chefe), muitas palavras tenho passado para o papel, palavras que saem do fundo do *tererũ* (coração) / de velho índio brasileiro, palavras muitas vezes amargas como a se- / mente do *makohô* mas que refletem minha preocupação pelo destino de minha *patũ* (tribo). Muitas *tmá* (águas) são passadas desde que os *Galibis* do rio *Uaçá* guardaram as *purwá* (flechas) e mantêm um bom rela- / cionamento com os *caliná* (civilizados) que muitas das vezes se apro- / veitam desse relacionamento e da inocuidade ainda existente na al- / ma do meu povo, para explorá-lo, enganá-lo de todas as maneiras possí- / veis e induzi-los a vícios difíceis de serem abandonados, como o da / cachaca. Quantos civilizados do *Cassiporé*, do *Oiapoque* e mesmo milita- / res da *Clavelândia do Norte*, melhoraram suas vidas vendendo gêneros, / bugigangas e cachaca aos índios em preços insuportáveis, tirando do / índio até a sua última galinha, seu último grão de *xipixá* (farinha) / e em muitas das vezes dormindo com sua mulher ou sua filha prá ter- / minar de saldar as dívidas dos gêneros e objetos comprados? Incon- / táveis *caliná* (civilizados) meu Presidente, que estes olhos cansados / ainda guardam as imagens e a memória os seus nomes. Hoje não se usa / mais armas para defender direitos mas sim palavras que se transfer- / ram em documentos e que asseguram esse direito. Os tempos mudaram . / As minhas palavras mando passar para a máquina, para serem melhor / compreendidas e se tornarem documentos perante o meu Presidente, do- / cumentos que chamam a atenção de meu *tajuturi* (Chefe) para as até / hoje esquecidas tribos da fronteira : *Galibi*, *Pulikur* e *Caripuna*. Do- / cumentos que mostram as coisas que estão erradas ou que pedem /// / coisas justas e possíveis ao Grande Chefe, para dar tranquilidade ao / povo indígena, ainda mais neste momento em que *Uirá*, a ave agourenta, / sobrevoa as nossas *purá* (casas). Mas meu *tererũ* (coração) já entric- / teceu demais e não é de tristezas que hoje falo e não escrevo para / me queixar de alguma coisa. Tudo já foi relatado nas cartas que man- / dei para o Grande Chefe. Agora só me resta esperar respostas: previ- / dências para meus pedidos e do meu povo.

Hoje desejo mesmo é agradecer ao meu Pre-

Acervo  
FUNAI

sidente, em nome de meu povo, por ter mandado para junto de nós o Sr. Frederico Oliveira, Chefe de Posto panapen (corajoso), que tem enfrentado tôdas as dificuldades existentes em nossa área devido a falta de recursos, muitas das vêzes abandonado pela própria Delegacia da FUNAI, que pouco está ligando para nós índios galibis, pois / nada produzimos ; que demonstrou ser mais do que um irmão, ao passar a compartilhar de nossos sofrimentos e alegrias; que sôzinho nos tem defendido contra todos os caliná (civilizados) que procuram prejudicar meu povo; quem deu uanú (luz) para nossos olhos , nos mostrando o que estava errado; que reforçou a nossa união com patũ (patũ) (tribo); que procurou despertar dentro de nossos tererũ (corações) o uatê (a chama) do orgulho como raça indígena, mostrar/ que não éramos inferior aos caliná (civilizados) como muitas vêzes pensávamos; que nos mostrou que unidos progrediríamos mais rápido e que o costume de cruzar os braços e tudo esperar das "autoridades/ de fora, quando haviam muitas coisas que nós mesmos poderíamos fazer unidos, era prejudicial para nós; e tivemos maior ânimo em nossos mutirões; recuperamos nossa Escola que estava quase desabando como também fizemos uma série de outros trabalhos importantes para a comunidade; foi quem nos incentivou a voltarmos a fazer o "axivi" (bebida indígena) durante os mutirões e maris, pois os caliná/ marreteiros nos induziram a abandoná-lo e usarmos a cachaça no seu lugar ;foi quem nos incentivou e incentiva a plantar, além do quierê (a mandioca), o quaxi (milho) e o arroz (dorí), trazendo até sementes para plantarmos. Foi êle que conseguiu nos tirar das mãos // dos caliná-marreteiros, que nos exploravam até à alma e ainda nos induziam ao consumo da cachaça, para que viciados deixássemos de lado nossos trabalhos de roça, ficássemos cada vez mais miseráveis e fracos, como realmente estava acontecendo ; mas tínhamos que comprar deles os gêneros aos quais estávamos acostumados e ao preço / que cobrassem pois não havia outro lugar aonde comprarmos. Foi então que nosso Chefe do Posto nos orientou, nos reuniu e nos propôs a criação de uma Cooperativa (idéia já lançada há muitos anos atrás, entre nós, por um padre, que não vingou), com os excedentes da farinha-de-mandioca que produzíamos todos os anos e nos explicou o funcionamento dela. Aceitamos a idéia e hoje não nos arrependemos / pois apesar de tôdas as dificuldades para a compra de gêneros, em Belém e o transporte dos mesmos dessa cidade até o Posto, compramos os gêneros a preços mais barato do que os das casas comerciais de Oiapoque e Cassiporé, ou seja, compramos no preço mais baixo da região. Construímos a casa onde ela funciona e cada vez mais essa Cooperativa vai progredindo, vai se organizando, dirigida pelos próprios índios e tendo estatuto e ata, assim como prestando inúmeros/

benefícios à comunidade inclusive emprestando farinha que possui es-  
tocada, quando a comunidade necessita, sem nada cobrar por isso, etc; ;  
Com isso os caliná-marreteiros não mais vieram à aldeia, pois seus //  
preços não podem competir com os da Cooperativa. Foi uma idéia muito/  
boa que se tornou real e que todo o meu povo está gostando, porque es-  
tá sendo beneficiado, e não vai deixar acabar. O Sr. Frederico também/  
tem incentivado o artesanato da tribo pois já ninguém fazia mais na-  
da, nenhum trabalho indígena; agora todos estão fazendo carurú (cola-/  
res), curúcurú (cestos), naracá...; por tudo o que tem feito esse pitáni  
(jovem), pela compreensão que tem da alma do meu povo, respeito pelos/  
nossos costumes e acima de tudo pela dedicação e lutas travadas para  
fazer os caliná (civilizados) respeitarem meu povo, coisa que antes //  
não acontecia, assim como por ter me incentivado a trabalhar junto de-  
le, para transformarmos Kuaruman numa comunidade numa comunidade //  
melhor, mais desenvolvida, como está acontecendo eu e meu povo muito/  
lhe devemos e lhe dedicamos grande respeito e amizade. E este velho //  
tuxaua - que já viveu no meio dos caliná e estudou com eles - que há  
muitas tuná (águas), desde Eurico Fernandes, não via aparecer caliná //  
tão interessado pelo destino do meu povo, sente a correção e a //  
alegria e gratidão a este pitáni (jovem) que deixou tudo lá fora pa-  
ra vir se juntar a nós e a se sacrificar por nós e peço ao Grande //  
Chefe dos índios que conserve esse jovem ainda por muitos anos, en-  
tre meu povo, e pede também que seja dado a ele uma ajuda maior para //  
continuar os trabalhos que vem fazendo, no sentido de melhorar mui-  
to mais a vida dos índios Galibis do rio Uaçá. Escrevi muitas pala- //  
vras no Galibi, para meu Presidente ver que ainda guardamos na memó- //  
ria parte do nosso antigo dialeto.

ALDEIA KUARUMAN

14/12/1976.

Manoel Floriano Macial  
MANOEL FLORIANO MACIAL (PANAHEN)  
TUXAUA DOS ÍNDIOS GALIBIS DO RIO UAÇA.

Manoel Felizardo dos Santos  
MANOEL FELIZARDO DOS SANTOS (TOHEN)  
AJUDANTE DOS TUXAUA DOS ÍNDIOS GALIBIS  
DO RIO UAÇA.